



Crônica da Cidade

PATRICK SELVATTI | patrickselvatti.df@dabr.com.br

Para sempre, Pérola

Eu nunca imaginei que um amor pudesse caber em um corpo tão pequeno. Em junho de 2013, Pérola chegou à minha vida como quem chega para ficar — sem pedir licença, sem prometer nada, mas preenchendo cada espaço vazio que eu nem sabia que existia. Era só uma filhotinha sem raça, pretinha, resgatada das ruas, mas logo se tornou tudo: filha, amiga, companheira de alma.

Foram 12 anos de convivência, e ainda assim parece pouco. Doze anos e três meses em que ela esteve presente em todos os momentos — nos bons, nos ruins e,

principalmente, naqueles em que eu mais precisei. Nesse período, não houve silêncio que ela não preenchesse, nem tristeza que ela não resistisse ao seu rabo abanando.

Pérola foi minha razão para levantar da cama quando a depressão me prendeu a ponto de questionar a minha própria existência. Deitou-se ao lado, quieta, respeitando o peso que eu carregava. Foi meu remédio quando entendi que, apesar de toda dor que sentia, um ser dependia exclusivamente de mim.

Durante o isolamento da pandemia, foi minha companhia nos meses silenciosos em que o mundo parecia distante demais. Quando o mundo se trancou, restamos só nós dois em uma quitinete: ela, eu, e a certeza de que o amor cabe num focinho úmido e em um olhar atento.

Lembro-me das viagens de carro — eu, que sempre tive medo de dirigir na

estrada, aprendi a enfrentar o volante para encarar quase mil quilômetros só para que ela não precisasse ser dopada e viajar em bagageiro. Pérola, deitada no banco de trás, devidamente segura, com o focinho para fora da janela, parecia entender que aquele gesto era por amor. E era. Tudo com ela era.

Ela amava os parques de Brasília, o lago, o vento, o sol. Era pura alegria quando corria pela grama e entrava na água fria, como se celebrasse a própria existência. E, sem perceber, ela me ensinava a fazer o mesmo: a viver o agora, a encontrar felicidade nas pequenas coisas, a amar sem pressa, sem cobrança, sem condições.

Há uma semana, minha filha partiu. O corpo cansou, e o tempo fez o que o tempo sempre faz. Dói demais, como dói! A casa ficou vazia. A cama onde ela dormia, agora, é só um pedaço de tecido. O

bebedouro ainda está lá, servindo aos dois irmãos que vieram depois — igualmente frutos do resgate pelo amor —, mas o som da água nunca mais foi o mesmo. E eu sigo tentando entender como seguir com a ausência dela ao redor.

Mas, entre as lágrimas, há uma certeza: Pérola veio para me salvar. Ela me mostrou que amor não precisa de palavras, que presença é o maior gesto de cuidado, e que adoção é o encontro mais bonito que o destino pode oferecer. Eu a adotei, é verdade — mas, no fundo, foi ela quem me adotou primeiro.

Pérola me ensinou o que nenhum manual humano conseguiu: que amar é cuidar, é retribuir o afeto recebido, é estar presente. Que adoção não é caridade, é encontro. Que quando se acolhe um animal, acolhe-se também uma parte melhor de si mesmo. Ela foi, mas deixou um

legado de lealdade, de ternura e de amor simples — aquele que não cobra, não exige, apenas existe.

A minha menina se foi, mas não acabou. Está em mim, literalmente tatuada na pele, mas, especialmente, em cada lembrança, em cada lugar por onde passei com ela. O que a gente viveu não tem fim — só mudou de forma. Porque alguns amores, mesmo quando partem, continuam respirando dentro da gente. E o dela... ah, o dela vai respirar em mim para sempre.

Hoje, quando penso nela, gosto de acreditar que o céu dos bichinhos tem gramados verdes, lagos tranquilos e uma estrada sem fim, onde Pérola corre livre, feliz, esperando o dia em que voltaremos a nos encontrar. Porque os anjos, afinal, sempre voltam. E ela vai voltar para, um dia, adotar e salvar outro humano.

ASA NORTE/ Corpo de Bombeiros faz perícia na enorme árvore que, por mais de 40 anos, tem sido cartão-postal da 704/705 Norte. Moradores lamentam o incêndio, ocorrido na madrugada de ontem, e desconfiam de ato criminoso

Suspeitas rondam gameleira incendiada

» NATHÁLIA QUEIROZ

O cheiro de queimada e as cinzas espalhadas pelo chão ainda dominam a esquina das quadras 704/705 Norte, onde restam os destroços da imensa gameleira, que há mais de 40 anos fazia parte da paisagem e da história da Asa Norte. Moradores suspeitam de incêndio criminoso, já que, segundo eles, algumas pessoas se incomodavam com a presença da árvore. O caso é investigado.

O Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF), por meio do Grupamento de Proteção Ambiental (GPRAM), voltou a atuar ontem após o surgimento de novos focos de incêndio no tronco, realizando o resfriamento da área para evitar que o fogo se espalhasse. Segundo a corporação, cerca de 15 mil litros de água foram utilizados para conter os pontos quentes e, até o momento, a informação é de que a perícia do caso deve levar cerca de 30 dias para ficar pronta. O alerta é para que ninguém se aproxime do local até que o tronco esteja completamente resfriado.

O fogo começou por volta das 20h de domingo, e assustou comerciantes e pedestres da região, preocupados com o avanço das chamas. Uma cabine telefônica decorativa, no estilo inglês e instalada

Ed Alves CB/DA Press



Local onde está o que restou da árvore foi interditado e passará por perícia que pode durar até 30 dias

próxima à árvore, foi parcialmente danificada pelo calor.

Comoção

A comoção entre os moradores é grande. O gaúcho Gilney de Sousa, 56 anos, mora em Brasília desde a década de 1970 e lembra da época

em que a região ainda era tomada por mato. “É uma dor muito grande no peito. Eu não sei por qual motivo fizeram. Dizem que foi um ser humano, mas de humano essa pessoa não tem nada”, disse, emocionado. Ele teme que o mesmo aconteça com a “irmã gêmea” da gameleira, na 406 Norte.

Moradora da região há 20 anos, Zilda Souza, 55, acompanhou o incêndio com tristeza. Ela lembra que participou de um abraço coletivo na árvore, por volta de 2016, quando vizinhos se mobilizaram para impedir sua derrubada. “É como se tivessem tirado meu coração”, lamentou. A pequena Isa-

bele Souza, 7 anos, filha de Zilda, chorava ao ver o tronco queimando. “Já estou com saudade”, disse.

A vizinha Aparecida Rodrigues, 41, mora há uma década na quadra e reforça o valor afetivo do local. “Muita gente vinha aqui descansar, conversar, brincar. Era parte da nossa rotina”, conta.

A árvore da 704/705 Norte é de espécie ficus elástica, e é conhecida como “gameleira”. Ela chama atenção pelo seu tamanho e exuberância. As raízes da gameleira costumam crescer em busca de água e nutrientes, e por vezes, destroem ruas e calçadas — por esse motivo, geram controvérsias.

Memória

Janine Moraes/CB - 15/11/2013



Símbolo da região, a gameleira da 704/705 Norte foi plantada há mais de quatro décadas e, ao longo do tempo, passou por podas e polêmicas. Em 2013, chegou a ser ameaçada de derrubada, sob a justificativa de riscos à segurança de pedestres e moradores. A mobilização nas redes sociais, no entanto, fez a Novacap recuar da decisão. Desde então, a árvore seguia como ponto de referência e afeto coletivo na Asa Norte. Em 2024, porém, a gameleira próxima à W3 Norte foi podada pela companhia, que, à época, informou que o risco da queda de galhos afetava a rotina de pedestres e motoristas que passavam pela área. Procurada pelo **Correio** ontem, a Novacap, até o fechamento desta reportagem, não se manifestou.

RECONHECIMENTO

Jornalista do Correio recebe Prêmio do Sebrae

» MARIANA SARAIVA

A Fazenda Ercoara, localizada a cerca de 90 quilômetros do centro de Brasília, foi o cenário escolhido pelo Sebrae no Distrito Federal para sediar a cerimônia de premiação da etapa distrital do Prêmio Sebrae de Jornalismo 2025. O evento reuniu jornalistas de diversos veículos da capital, que, nesta edição, teve 121 trabalhos inscritos, número que reforça o engajamento da imprensa local em pautas ligadas à inovação, à sustentabilidade e à força dos pequenos negócios.

Na categoria Texto, a vencedora foi a jornalista Darcianne Diogo, do **Correio Braziliense**, com a reportagem *A sombra dos muros: o comércio que se estrutura ao redor da Papuda*. Publicada em junho, a matéria revelou uma faceta muitas vezes invisível da economia local: o comércio informal que se forma nas proximidades do Complexo Penitenciário da Papuda, onde vendedores e prestadores de serviço encontram uma forma digna de sustento em meio às adversidades. “Foi motivo de muita alegria receber um prêmio por uma

reportagem em que tive a oportunidade de dar voz a um pequeno grupo quase invisível aos olhos da sociedade e do poder público. São pessoas que encontraram, à frente do cárcere, um meio de sobrevivência. Apesar do ambiente pesado, elas têm brilho nos olhos e amam o que fazem”, afirmou Darcianne.

A jornalista contou que a produção da matéria levou cerca de uma semana e envolveu visitas à região, em companhia do fotógrafo Ed Alves. “A dificuldade inicial foi convencê-los a participar, já que

tinham medo de serem expostos e perderem o espaço. Mas, com o resultado da reportagem, esses vendedores foram reconhecidos e conseguiram as carteirinhas de regularização. Hoje, trabalham formalmente e se tornaram exemplo de superação”, detalhou.

Com o encerramento da etapa distrital, os vencedores de cada categoria avançam agora para a fase regional do prêmio, que reúne os destaques de diferentes estados. Os trabalhos com melhor avaliação seguirão para a etapa nacional, cuja cerimônia de premiação está

prevista para ocorrer entre novembro e dezembro.

Durante a cerimônia, a diretora superintendente do Sebrae no DF, Rose Rainha, destacou a relevância da imprensa na difusão de conhecimento e na valorização de histórias inspiradoras. “A atuação do Sebrae é um sucesso muito por conta da colaboração de vocês, profissionais de comunicação, que ajudam a levar notícia, informação e visibilidade às ações voltadas para os pequenos negócios. Essa parceria é fundamental para impulsionar o empreendedorismo e fortalecer a economia local”, afirmou.

Sebrae



Na categoria Texto, a vencedora foi a repórter Darcianne Diogo

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 13 de outubro de 2025

» Campo da Esperança

Agamenon Carneiro de Aguiar, 76 anos
Alzinete Lopes Alves, 67 anos
Antonia de Sousa Silva, 86 anos
Claudia Almeida Alves, 58 anos
Douglas Farias de Freitas, 29 anos
Edna Maria Araujo Oliveira, 81 anos
Eliane Nascimento de Sousa, 67 anos

Emival Almeida dos Santos, 74 anos
Francisco das Chagas Campos Saraiva, 85 anos
Gabriela do Monte Marques Silva, 21 anos
Helena Maria Rodrigues, 99 anos
Josefa Maria de Oliveira, 83 anos
Paulo Henrique de Medeiros Silva, 32 anos
Raimundo Nonato Alves, 65 anos
Rosa Maria Dezem

Ribeiro, menos de 1 ano
Sonia Maria Reis Bastos, 83 anos
Walta Maria Santos da Silva, 87 anos

» Taguatinga

Antonia Maria da Costa Monteiro, 61 anos
Danuza da Silva Muniz, 45 anos
Filipe Nunes da Silva, 32 anos
Francisco José da Costa Oliveira, 61 anos

José Rodrigues Neto, 80 anos
Josefa Maria dos Santos, 60 anos
Josefino José do Bomfim, 85 anos
Matheus de Sousa Fortes, 22 anos
Osvaldina Francisca da Silva, 88 anos

» Gama

Edna Rodrigues Bispo dos Santos, 58 anos

Felipe Soares da Silva, 27 anos

» Planaltina

Eliza Andrade Fernandes Leal, menos de 1 ano
Maria Deusa Neves dos Santos, 59 anos
Maria Jose Luisa de Oliveira, 96 anos

» Brazlândia

Ivani Antonia de Melo, 62 anos

Joana Maria de Souza, 78 anos

» Sobradinho

Raimundo Nonato dos Santos, 56 anos

» Jardim Metropolitano

Rykeltme Luiz Xavier Braga, 1 ano
Ademir Carlos Gasparini, 60 anos (cremação)